

Dr. Robert A. Peterson, Revelação e Escritura, Sessão 18, Escritura, Resultados da Inspiração, Distinção entre Inerrância e Infalibilidade

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 18, Escritura, Resultados da Inspiração, Distinção entre Inerrância e Infalibilidade.

Estamos estudando a doutrina da Escritura como revelação especial, e nosso primeiro ponto quanto aos resultados da inspiração é que a Escritura é a Palavra de Deus.

Dissemos que afirmamos que a Escritura é a Palavra de Deus por quatro razões. Ela é rotineiramente chamada assim ou as escrituras sagradas na própria Bíblia. Em segundo lugar, Deus foi direcionado aos escritores para que as escrituras fossem inspiradas por ele? Em terceiro lugar, a Escritura carrega características de Deus e desempenha funções-chave para Deus. Portanto, é a Palavra de Deus.

Quarto, Jesus e os apóstolos atribuem a Deus muitas declarações do Antigo Testamento que não foram originalmente atribuídas a ele. Em outras palavras, quando a escritura fala, Deus fala ou o Espírito Santo fala. Acreditamos que a Escritura é a Palavra de Deus e que a Bíblia é simultaneamente um livro humano.

Deus nos dá as escrituras por meio de autores humanos em linguagem humana para seres humanos, para que as pessoas venham a conhecê-lo e amá-lo. É um livro composto de 66 livros, fundamentado na história e escrito ao longo de 1.600 anos em três continentes, Ásia, África e Europa. É escrito por 40 autores de todas as esferas da vida com vários dons, estilos e personalidades.

Escrito em línguas humanas, hebraico, grego e um pouco de aramaico, em linguagem comum com citações soltas e aproximações, a Escritura usa vários gêneros literários como listas de Carson, citação, poesia e prosa, narrativa e discurso, oráculo e lamento, parábola e fábula, história e teologia, genealogia e apocalíptico, provérbio e salmo, evangelho e letra, lei e sabedoria, literatura, missiva e literatura de lei e sabedoria, desculpe-me, missiva e sermão, dístico e épico. A Bíblia é composta de tudo isso e muito mais. Padrões de aliança emergem com alguma semelhança com tratados hititas.

Tabelas de tarefas domésticas são encontradas com semelhanças surpreendentes com códigos de conduta no mundo helenístico. Essas realidades, um subproduto da humanidade da Bíblia, necessariamente afetam como abordamos a Bíblia para

interpretá-la corretamente. A Bíblia aborda uma ampla gama de assuntos, como história, psicologia, criação de filhos, poesia, música, lei moral, lei política, estratégia militar, filosofia, ciência e, principalmente, salvação.

Com o tempo, ele conta progressivamente a história de Deus e seu relacionamento com as pessoas. Ele dá testemunho humano de Deus por meio de histórias de amor e alegria, dor e perseguição, medo e esperança. As Escrituras são coletadas desde seu início até o primeiro século d.C., e a igreja as reconhece progressivamente.

Foi escrito para que conheçamos a Deus, o amemos, amemos os outros e vivamos de acordo com seus propósitos. Apesar de sua diversidade em autores, épocas, gêneros e tópicos, ele tem uma unidade de mensagem surpreendente. Isso porque a Escritura é a própria Palavra de Deus em palavras humanas.

Essa foi nossa primeira ramificação ou resultado da Bíblia ser inspirada por Deus. Uma segunda é que a Escritura é autoritativa. Aqui está uma voz da igreja global, de Conrad Mubewe da Zâmbia.

Ele escreveu que a Bíblia é a Palavra de Deus para a humanidade, revelando o grande plano de salvação do céu. A Escritura, portanto, vem a nós do alto, chamando por reverência. Ao lermos então, devemos sentar-nos sob a Palavra de Deus, não ficar de pé sobre ela.

Devemos receber com mansidão a Palavra implantada, Tiago 1:21, comparado a João 12:48. Quando os mandamentos de Deus contradizem nossos próprios desejos, devemos nos submeter ao que Deus nos revelou. Isso requer uma humildade deliberada para receber a Bíblia em sua totalidade, não importa o que ela diga.

Tal é a reverência exigida pela natureza sagrada das Escrituras. Este é Conrad Mubewe, *How to Read and Understand the Bible*, neste livro, a ESV Global Study Bible. Porque Deus dá as Escrituras, elas possuem Sua autoridade.

Por autoridade, queremos dizer o direito de ensinar a verdade e comandar a obediência, e, portanto, autoridade bíblica significa o direito de ensinar a verdade de Deus e comandar a obediência. A Escritura tem autoridade suprema porque é a Palavra de Deus, escrita para nós e para nós. No Salmo 19, citado várias vezes nessas palestras, o salmista compara a Palavra à instrução de Deus, Seu testemunho, Seus preceitos, Seu comando, Seu temor e Suas ordenanças.

Ela carrega Sua autoridade. Em 2 Timóteo 3, tratado anteriormente, Paulo ensina que Deus dá as Escrituras para quatro propósitos, como vimos, ensino, repreensão, correção e treinamento em justiça, 2 Timóteo 3:16. A Bíblia é dada para nos ensinar o que acreditar, o que não acreditar, o que não fazer e o que fazer. Ela tem autoridade sobre nossas crenças e comportamento, e é por isso que Paulo também

exorta Timóteo a pregar a Palavra, 2 Timóteo 4:1-5. Em 2 Pedro 1, também tratado anteriormente, Pedro ensina sobre as Escrituras e adverte a igreja adequadamente, citação, você fará bem em prestar atenção à Palavra profética, a Palavra de Deus, versículo 19.

Deus inspira as Escrituras, então, naturalmente, devemos ouvi-las e seguir seus ensinamentos. Cristo e os apóstolos consideram as Escrituras como nossa autoridade para teologia e ética. O grau em que nos recusamos a nos submeter à autoridade bíblica é o grau em que criamos nossas próprias crenças e regras para viver.

O grau em que nos recusamos a nos submeter à autoridade bíblica é o grau em que criamos nossa própria religião. E o grau em que não estudamos as Escrituras é o grau em que podemos inadvertidamente seguir as teologias e éticas de nossa cultura. Que as Escrituras carregam a autoridade de Deus também significa que não podemos escolher o que gostamos ou não gostamos nelas.

A Palavra de Deus está sobre nós. Nós a respeitamos, acreditamos nela e obedecemos, mesmo que inicialmente não a prefiramos. Permanecemos ouvintes humildes, não os críticos, editores ou redatores das palavras.

Se escolhermos o que queremos acreditar nas Escrituras, afirmamos a nós mesmos como as principais autoridades em vez de Deus. As Escrituras são inerrantes. As Escrituras são inspiradas por Deus e são Sua Palavra.

Como vimos, Deus inspira os escritores bíblicos. Como Pedro explica, nenhuma profecia das Escrituras vem da interpretação do próprio profeta porque nenhuma profecia jamais veio pela vontade do homem. Em vez disso, os homens falaram da parte de Deus conforme eram levados pelo Espírito Santo, 2 Pedro 1:20 e 21.

E Deus inspira os escritos bíblicos, 2 Timóteo 3:16. Toda a Escritura é inspirada por Deus. Ele usa as experiências, personalidades e pensamentos dos profetas e apóstolos, mas Ele direciona quando eles falam e escrevem.

Assim, a inspiração é dinâmica. Deus trabalha ativamente por meio de autores humanos ativos. Essa inspiração também é verbal, referindo-se aos escritos reais, 2 Timóteo 3, 16, e palavras, não meramente às ideias que os profetas falaram, 2 Pedro 1:20 e 21.

E é plenária, completa, pois Deus inspira toda a Escritura, não apenas suas partes, Salmos 119 e 160. A soma da sua palavra é verdade, e cada uma das suas regras justas perdura para sempre. O resultado é que a Escritura é inerrante, verdadeira em tudo o que afirma.

Carson resume. Inspiração é, citação, a obra sobrenatural do Espírito Santo de Deus sobre os autores humanos das Escrituras, de modo que o que eles escreveram foi precisamente o que Deus pretendia que escrevessem para comunicar Sua verdade. Carson acrescenta que a definição fala tanto da ação de Deus por Seu Espírito no autor humano quanto da natureza do texto resultante, citação próxima.

Assim, a inspiração inclui a revelação verbal de Deus e o testemunho humano histórico, citações, palavras de seres humanos e palavras de Deus, a verdade que Deus escolheu comunicar e as formas particulares de autores humanos individuais. Novamente, Carson, inspirada por Deus, a Escritura é verdadeira, autoritária sobre nossas crenças e vidas, e uma maneira pela qual Deus age no mundo para cumprir Sua missão, 2 Timóteo 3:15 a 4:5, para que as pessoas glorifiquem a Deus por meio da fé em Jesus, o Senhor e Salvador, João 20:28 a 31, 1 João 5:12 e 13. Considerar a Escritura como totalmente verdadeira traz confiança, mas também exige esclarecimento.

A inerrância é atribuída aos autógrafos, ao texto original, não às cópias da Bíblia. Respeitamos o processo histórico e valorizamos a crítica textual porque as variantes textuais são sustentadas por um texto original inerrante. A inerrância está enraizada na crença de que a Bíblia é simultaneamente um livro humano e a Palavra de Deus.

Portanto, prezamos os aspectos humanos da Bíblia. Esses aspectos não diminuem a veracidade da Bíblia, mas mostram que Deus usa pessoas reais em contextos históricos para escrever a pessoas reais com necessidades reais. Os autores bíblicos estavam em forma e estilo comuns e, como tal, há certas coisas que não são necessárias para a inerrância.

Aqui, quero compartilhar a Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica conosco. Aqui vamos nós. Ali, primeiro de tudo, está uma breve declaração, e então uma lista de afirmações e negações.

A breve declaração, Deus, que é a própria verdade e fala somente a verdade, inspirou a Sagrada Escritura para, assim, revelar-se à humanidade perdida por meio de Jesus Cristo como Criador e Senhor, Redentor e Juiz. A Sagrada Escritura é a testemunha de Deus para si mesmo. A Sagrada Escritura, sendo a própria Palavra de Deus, escrita por homens preparados e supervisionados pelo Espírito Santo, é de autoridade divina infalível em todos os assuntos sobre os quais toca.

Deve ser acreditado como instrução de Deus em tudo o que afirma, obedece como comando de Deus em tudo o que requer, e abraçado como penhor de Deus em tudo o que promete. O Espírito Santo, o autor divino da Escritura, a autentica para nós por meio de seu testemunho interior e abre nossas mentes para entender seu significado. Sendo total e verbalmente dada por Deus, a Escritura é sem erro ou falha em todos os seus ensinamentos, não menos do que o que afirma sobre os atos de

Deus na criação, sobre os eventos da história mundial e sobre suas próprias origens literárias sob Deus, do que em seu testemunho da graça salvadora de Deus em vidas individuais.

A autoridade das Escrituras é inescapavelmente prejudicada se essa total inerrância divina for de alguma forma limitada ou desconsiderada ou tornada relativa a uma visão da verdade contrária à da própria Bíblia, e tais lapsos trazem sérias perdas tanto para o indivíduo quanto para a igreja. Então temos a Declaração de Chicago sobre Inerrância Bíblica e Artigos de Afirmação e Negação. Este foi o resultado do Congresso Internacional de Inerrância Bíblica reunido na, eu diria, década de 1980 para produzir um acordo, um acordo escrito entre evangélicos de muitas tendências e origens e igrejas sobre a inerrância da Bíblia, então a interpretação da Bíblia e, finalmente, a aplicação da Bíblia.

Eles tiveram grande unidade na primeira tarefa, definindo inerrância. Eles tiveram considerável unidade na segunda, interpretação. Eles realmente lutaram com interpretação.

Há livros publicados pela Zondervan que são produtos deste Congresso sobre Inerrância Bíblica. A Declaração de Chicago foi uma produção inicial porque era parte da primeira tarefa de definir, afirmar e esclarecer a inerrância. Os Artigos de Afirmação e Negação esclarecem como você verá.

No artigo Um, afirmamos que as escrituras sagradas devem ser recebidas como a palavra autoritativa de Deus. Negamos que as escrituras recebam sua autoridade da igreja, tradição ou qualquer outra fonte humana. No artigo Dois, afirmamos que as escrituras são a norma escrita suprema pela qual Deus vincula a consciência e que a autoridade da igreja é subordinada à das escrituras.

Negamos que credos, concílios ou declarações da igreja tenham autoridade maior ou igual à autoridade da Bíblia. Isso não significa que os desconsideramos ou os tratamos como nenhuma autoridade, mas uma scriptura significa que consistentemente e deliberadamente elevamos a Bíblia até mesmo acima de concílios ecumênicos em suas decisões. Artigo três, afirmamos que a palavra escrita em sua totalidade é revelação dada por Deus.

Essa é inspiração plenária. Negamos que a Bíblia seja meramente uma testemunha da revelação ou que somente se torne revelação em encontros ou que dependa da resposta dos homens para sua validade. Parte dessa negação, pelo menos, é direcionada à neo-ortodoxia.

Artigo quatro, afirmamos que Deus, que fez a humanidade à sua imagem, usou a linguagem como um meio de revelação. Parte da imagem de Deus significa que somos usuários e receptores da linguagem. Negamos que a linguagem humana seja

tão limitada por nossa condição de criatura que seja considerada inadequada como um veículo para a revelação divina.

Negamos ainda que a corrupção da cultura e da linguagem humanas por meio do pecado tenha frustrado a obra de inspiração de Deus. Artigo cinco, afirmamos que a revelação de Deus nas escrituras, escrituras sagradas, foi progressiva. Negamos que a revelação posterior, que pode cumprir a revelação anterior, alguma vez a corrija ou contradiga.

Negamos ainda que qualquer revelação normativa tenha sido dada desde a conclusão dos escritos do Novo Testamento. Esses tipos de declarações são significativas quando você percebe que o comitê consistia de crentes de muitas tendências diferentes: batistas, presbiterianos, wesleyanos, carismáticos e pentecostais. E então, o que eles estão fazendo é dizer que a Bíblia julga a todos, mesmo aqueles que acreditam em dons espirituais contemporâneos que outros não aceitariam como válidos para hoje.

Eles são todos subordinados às escrituras, um movimento muito sábio. O artigo seis afirma que toda a escritura e todas as suas partes, até as próprias palavras do original, foram dadas por inspiração divina. Negamos que a inspiração da escritura possa ser corretamente afirmada do todo sem as partes ou de algumas partes, mas não do todo.

O artigo sete afirma que a inspiração foi a obra na qual Deus, por seu espírito por meio de escritores humanos, nos deu sua palavra. A origem da escritura é divina. O modo de inspiração divina permanece em grande parte um mistério para nós.

Os ensinamentos da Bíblia estão muito mais preocupados com o produto, o resultado da inspiração. A palavra de Deus em palavras humanas, em vez dos meios ou modos de Deus inspirá-la, como ele realmente fez isso. Negamos, ainda no artigo sete, que a inspiração pode ser reduzida à percepção humana ou a estados elevados de consciência de qualquer tipo.

Negando algumas dessas teorias de inspiração de intuição e iluminação, que abordamos anteriormente. Artigo oito, afirmamos que Deus em sua obra de inspiração, utilizou as personalidades distintas e os estilos literários dos escritores que ele escolheu e preparou. Negamos que Deus, ao fazer com que esses escritores usassem as mesmas palavras que ele escolheu, anulou suas personalidades.

Artigo nove, afirmamos que a inspiração, embora não conferindo onisciência, concedeu declarações verdadeiras e confiáveis sobre todos os assuntos dos quais os autores bíblicos foram movidos a falar e escrever. E isso inclui quando ela dá as palavras de Satanás ou homens maus, e registra com veracidade suas mentiras.

Artigo 10, negamos que a finitude ou queda desses escritores, ainda artigo nove, por necessidade ou de outra forma, introduziu distorção ou falsidade na palavra de Deus.

10, afirmamos que a inspiração, estritamente falando, aplica-se somente ao texto autógrafo das escrituras, que, na providência de Deus, pode ser apurado a partir de manuscritos disponíveis com grande precisão. Afirmamos ainda que cópias e traduções das escrituras são a palavra de Deus na medida em que representam fielmente o original. Negamos que qualquer elemento essencial da fé cristã seja afetado pela ausência de autógrafos.

Negamos ainda que essa ausência torne a afirmação da inerrância bíblica inválida ou irrelevante. Afirmamos que a escritura, artigo 11, tendo sido dada por inspiração divina, é infalível, de modo que, longe de nos enganar, é verdadeira e confiável em todos os assuntos que aborda. Negamos que seja possível que a Bíblia seja ao mesmo tempo infalível e errante em suas afirmações.

Infalibilidade e inerrância podem ser distinguidas, mas não separadas. Suas palavras são verdadeiras: inerrância. Suas palavras e ensinamentos são infalíveis.

Elas são confiáveis. As palavras comunicam as verdades e os ensinamentos que Deus desejou. Artigo 12, afirmamos que a escritura em sua totalidade é inerrante, sendo livre de toda falsidade, fraude ou engano.

Negamos que a infalibilidade e a inerrância bíblicas sejam limitadas a temas espirituais, religiosos ou redentores, excluindo afirmações nos campos da história e da ciência. Negamos ainda que hipóteses científicas sobre a história da Terra possam ser usadas adequadamente para anular o ensino das escrituras sobre a criação e o dilúvio. Eu poderia acrescentar que os cristãos evangélicos certamente têm visões diferentes quanto à idade da Terra e ao escopo do dilúvio, e meu próprio entendimento seria que a Bíblia não nos limita nessas áreas e que devemos respeitar aqueles que discordam de nós e ouvir os argumentos que eles apresentam.

Pessoas boas discordam quanto à idade da Terra, e pessoas boas defendem um dilúvio local, bem como um dilúvio universal. Essa mesma linguagem universal é usada por Paulo; por exemplo, ele levou o evangelho até os confins da Terra. Bem, significa os confins da Terra que ele entendeu que a Terra tinha na época, e da mesma forma, a linguagem em Gênesis 6 a 9 com o dilúvio fala do mundo mediterrâneo que Moisés entendeu existir naquela época.

Artigo 13, afirmamos a propriedade de usar inerrância como um termo teológico com referência à veracidade completa das escrituras. Negamos que seja apropriado avaliar as Escrituras de acordo com padrões de verdade e erro que são estranhos ao seu uso ou propósito. Negamos ainda que a inerrância seja negada por fenômenos bíblicos como a falta de precisão técnica moderna, irregularidades de gramática ou

ortografia, descrição observacional da natureza, relato de falsidades, uso de hipérbole e números redondos, arranjo tópico de material, seleções variantes de material e relatos paralelos ou uso de citações livres.

Você diz que essas são qualificações significativas. Elas são, e são uma tentativa de ouvir a própria Bíblia. Como material posterior, lerei do grande livro, o grande livro sobre a autoridade da Bíblia, que se tornou o padrão.

As perguntas frequentes no final abordam exatamente essa questão. A inerrância não morre a morte de mil qualificações? Vamos revisitar essa. Artigo 14, afirmamos a unidade e a consistência interna das escrituras.

Negamos que supostos erros e discrepâncias que ainda não foram resolvidos invalidem as alegações de verdade da Bíblia. Artigo 15, afirmamos que a doutrina da inerrância é fundamentada no ensino da Bíblia sobre inspiração. Negamos que o ensino de Jesus sobre as escrituras possa ser descartado por apelos à acomodação ou a quaisquer limitações naturais de sua humanidade.

Alguns dizem, oh, Jesus sabia melhor, mas ele apenas se acomodou às visões errôneas de sua época. Jesus não se acomodou a nenhum tipo de erro. Ele detonou os fariseus por seus apelos às tradições dos anciãos.

Não, e as limitações de sua humanidade são tais que ele é o Deus-homem, e ele sempre fala a verdade usando seus poderes divinos como o Pai deseja. Artigo 16, afirmamos que a doutrina da inerrância tem sido parte integrante da fé da igreja ao longo de sua história. Negamos que a inerrância seja uma doutrina inventada pelo protestantismo escolástico ou seja uma posição reacionária postulada em resposta à crítica superior negativa.

17, afirmamos que o Espírito Santo dá testemunho das escrituras, assegurando aos crentes a veracidade da palavra escrita de Deus. Negamos que esse testemunho do Espírito Santo opere isoladamente ou contra as escrituras. Artigo 18, afirmamos que o texto das escrituras deve ser interpretado por exegese gramática -histórica, levando em conta suas formas e recursos literários, e que as escrituras devem interpretar as escrituras.

Negamos a legitimidade de qualquer tratamento do texto ou busca por fontes por trás dele que leve à relativização, deshistoricização ou desconto de seu ensino, ou rejeição de suas reivindicações de autoria. E finalmente, artigo 19, o final, afirmamos que uma confissão de fé da plena autoridade, infalibilidade e inerrância das escrituras é vital para uma compreensão sólida de toda a fé cristã. Afirmamos ainda que tal confissão deve levar a uma crescente conformidade com a imagem de Cristo.

Negamos que tal confissão seja necessária para a salvação. No entanto, negamos ainda mais que a inerrância possa ser rejeitada sem consequências graves, tanto para o indivíduo quanto para a igreja. Eu aprecio muito a Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica.

Não é perfeito. É mais do que um passo na direção certa. São muitos passos na direção certa.

Essa foi uma pequena digressão lidando com esse assunto. Os escritores bíblicos escrevem em forma e estilo comuns. E, como tal, há certas coisas que não são necessárias para a inerrância.

Trabalhei com essas qualificações nas afirmações e negações da Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica. Agora, mais ainda sob a autoridade das escrituras. Desculpe-me, a inerrância das escrituras.

A inerrância informa a exegese. Já que a palavra de Deus vem a nós na linguagem de autores humanos, devemos prestar atenção às palavras, frases, contexto, gêneros, argumentos e temas de qualquer passagem. O significado da Bíblia está relacionado à intenção de seu autor.

Intenções. A inerrância se relaciona com a hermenêutica, a abordagem à interpretação. Um comprometimento com a inerrância envolve não apenas apreciar a diversidade da Bíblia, mas também reconhecer sua unidade e consistência doutrinária.

Isso também nos leva à analogia hermenêutica da fé, analogia fidei, ou regula fidei, a regra, a analogia da fé, a regra da fé, por meio da qual comparamos escritura com escritura e a interpretamos em harmonia com sua mensagem geral. A analogia da escritura diz que a regra da escritura diz que a Bíblia não se contradiz. Sua mensagem é uma.

Então, é legítimo comparar escritura com escritura. Ela é sua melhor intérprete. Ela certamente não é sua própria, sua única intérprete.

Eu deveria ter dito uma ou duas palavras sobre o cânone porque ele é muito importante, e eu não faço justiça a ele nessas palestras. Fui ajudado pelo ensaio sólido do meu amigo David G. Dunbar, ensaio extenso, de certa forma a melhor coisa que temos, o cânone bíblico no livro, um dos produtos de Chicago, um dos produtos do Congresso Internacional sobre Inerrância Bíblica, ou seria o Conselho Internacional sobre Inerrância Bíblica? Um desses. O cânone bíblico em hermenêutica, autoridade e cânone.

Dunbar sugere que a igreja reconheceu o cânon, os livros autoritativos da Bíblia, em vez de estabelecer o cânon, como o pai da igreja Irineu já havia ensinado. Que o cânon não é apenas apostólico, mas fundamentalmente cristológico ou histórico-redentor. Que as palavras e ações de Jesus interpretadas para a comunidade de apóstolos formaram o padrão para a igreja primitiva.

A igreja considerava a apostolicidade como o fator qualificador para o reconhecimento canônico, não estritamente autoria de um apóstolo, mas conteúdo e cronologia. E que reconhecemos o controle providencial de Deus sobre a história durante esse processo. A Escritura não é apenas autoritativa e inerrante, mas também infalível.

Até meados do século XIX, o termo infalível era usado como sinônimo de inerrante. Inerrante significava incapaz de erro ou verdadeiro. Inerrante significava sem erro ou verdadeiro.

Infalível significava incapaz de erro ou confiável, verdadeiro. À luz dos desenvolvimentos recentes no estudo da linguagem, Kevin Van Hooser propõe uma definição mais ampla. Inerrância é um subconjunto de infalibilidade.

Deixe-me dizer, antes de tudo, que Van Hooser afirma a inerrância total da Bíblia. Mas ele afirma que a infalibilidade é um conjunto maior do qual a inerrância é um subconjunto. Inerrância, toda a Bíblia é inerrante em todos os seus tipos de literatura.

Mas se dissermos que o provérbio é inerrante ou que a parábola é inerrante, estamos dizendo o suficiente? A resposta é não. O principal propósito da parábola não é ensinar a verdade, mas transmitir sabedoria para viver e a tolice correta. E a parábola cria um quadro inteiro pelo qual os leitores são atraídos, forçados e confrontados com uma decisão.

As parábolas são inerrantes? Sim. Parábolas em todos os outros gêneros da Bíblia são inerrantes na medida em que a inerrância se aplica. Ou seja, na medida em que é uma questão de verdade ou erro.

Mas a Bíblia é maior do que uma questão de verdade e erro, é o ponto de Van Hooser. Infalibilidade significa, segundo ele, que a palavra de Deus, por meio de seus diferentes gêneros, realiza muitas coisas infalivelmente. A Escritura visa mais do que comunicar a verdade.

Ela visa comunicar a verdade, e é inerrante. Kevin Van Hooser não reconhece nenhuma escritura errante. Mas a escritura é maior e melhor do que a categoria de uma inerrância pode descrever.

Qualquer verdade que a escritura comunica em qualquer gênero, é sempre inerrante, mas também é outras coisas. Ela tem outros propósitos. Ela faz cada um desses inerrantemente, mas também dá sabedoria.

Ele avisa. Um aviso inerrante? Claro, não há erro nesse aviso. Mas você não entende? Um aviso é mais do que ser verdadeiro.

É um aviso. Isso tem grande potencial de fecundidade para o ministério, para a compreensão da Bíblia, para a hermenêutica e também para a aplicação da Bíblia. Meu Deus, a Bíblia encoraja.

Ela oferece esperança. Ela faz isso inerrantemente? Absolutamente. Mas dizer isso não esgota o propósito dessas passagens inspiradoras de esperança.

Ele energiza e assim por diante. Deus usa muitos tipos de literatura bíblica, todos os tipos diferentes, para atingir seus muitos propósitos. Por exemplo, em Isaías 55, 10 e 11,

Pois assim como a chuva e a neve descem do céu, diz o Senhor, e não retornam para lá, mas regam a terra, fazendo-a produzir e brotar, dando semente ao semeador e pão ao que come, assim será a minha palavra que sair da minha boca. Ela não voltará para mim vazia, mas realizará o que proponho e prosperará naquilo para que a envie. Isso inclui ensinar a verdade? Sim.

Mas aqui está o ponto de Kevin Hoosier. Inclui mais do que meramente ensinar a verdade. Romanos 1 16.

Não tenho vergonha do evangelho. É o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Isso é inerrante? Absolutamente.

Mas tem um propósito mais retórico do que meramente ensinar a verdade em vez do erro. Afirma que Deus conectou tanto seu poder a esta mensagem que esta palavra inerrante contém um significado incrível. Romanos 10:17.

A fé vem pelo ouvir e ouvir pela palavra de Cristo. Hebreus 4:12 e 13. Diferentemente dos judeus que morreram no deserto e não chegaram à terra prometida, os destinatários da carta aos hebreus devem crer e obedecer a Deus.

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E nenhuma criatura está oculta à sua vista, mas todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas. Digo-o mais uma vez.

Então a proposta de Hoosier não enfraquece a inerrância de forma alguma. Ela está apenas dizendo que a inerrância lida com o espectro da verdade e do erro. E a Bíblia é verdadeira, como dissemos antes.

E essa é uma declaração de Chicago que até mesmo implicava que registrava com veracidade as mentiras de Satanás. Mas as diversas formas literárias da Bíblia, embora todas sejam inerrantes na medida em que essa descrição se aplica, também têm outros propósitos. Van Hoosier sugere que usemos a infalibilidade para falar dessas forças elocutórias que Deus libera ao dar sua palavra inerrante e santa.

Em nossa próxima palestra, vamos abordar a questão da suficiência da Sagrada Escritura.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Sagrada Escritura. Esta é a sessão 18, Escritura, Resultados da Inspiração, Distinção entre Inerrância e Infalibilidade.